

REALIDADE OU UTOPIA DE UMA ESCOLA ESTADUAL: A formação de pequenos leitores e produtores de textos!?¹

Aline Serra de Jesus

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: antoniojose1@hotmail.com

Tyciana Vasconcelos Batalha

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: alftyci@gmail.com

Joelma Reis Correia

Doutora em Educação, professora e orientadora da pesquisa.

Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: joelmareis1970@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão quanto a forma como os docentes têm alfabetizado as crianças e tem como objetivo analisar se as formas como os/as professores têm ensinado as crianças a ler e escrever na escola têm formado crianças leitoras e produtoras de textos. Para tanto realizou-se uma pesquisa empírica em uma instituição da rede pública de São Luís – Maranhão, cujo os sujeitos de pesquisa foram duas professoras do primeiro ano do ensino fundamental. Utilizou-se como instrumento de geração de dados a observação participante. Os autores mais utilizados na fundamentação dos dados foram Picolli e Camini (2012), Soares (2004), Freinet (1975), entre outros. Conclui-se que os alunos estão se alfabetizando, apenas através da codificação e decodificação dos códigos da escrita, porém quanto ao ser leitor e produtor de textos ainda falta um longo caminho a seguir, pois está faltando uma construção do saber baseado nos conhecimentos e experiências das crianças.

Palavras-chaves: Alfabetização. Crianças. Leitoras.

INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de um estudo uma observação participante durante a disciplina de Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, no curso de Pedagogia da UFMA. Quando refletimos sobre a real situação da alfabetização no Brasil nos deparamos com inúmeros questionamentos. Será que estamos realmente formando leitores críticos? Ou apenas reprodutores de um sistema em decadência? Estamos formando produtores de textos? Ou apenas copiadores? Estamos fazendo algo de diferente para mudar a situação em que nos encontramos? Estes questionamentos refletem a gravidade da situação em que se encontra o ensino brasileiro.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no curso de Pedagogia, na disciplina “Estágio em Gestão de Trabalho Docente II” no primeiro semestre de 2016.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no curso de Pedagogia, na disciplina “Estágio em Gestão de Trabalho Docente II” no primeiro semestre de 2016.

Sendo assim, neste trabalho, o nosso olhar se volta para a docência, e a sua relação com a alfabetização dos anos iniciais. Com o objetivo de analisar se as formas como os/as professores têm ensinado as crianças a ler e escrever na escola têm formado crianças leitoras e produtoras de textos. O campo da pesquisa empírica foram duas salas de primeiro ano de uma escola pública estadual de São Luís – Maranhão, na qual se analisou a sua estrutura pedagógica e pautou-se na abordagem qualitativa. A geração de dados foi realizada através da observação participante, buscando compreender a complexidade do processo educativo. Os autores que nos deram inspiração e conduziram a nossa pesquisa foram: Soares (2004), Freinet (1975), Picolli e Camini (2012), entre outros, deste modo obteve-se os resultados de como está configurado o modelo de alfabetização para as crianças nesta escola.

ALFABETIZAR E LETRAR: os grandes desafios da educação infantil

De acordo com Ferreira (2008, p. 109) alfabetizar significa “ensinar ou aprender a ler e escrever (com a devida compreensão do significado das palavras e do conceito)”. Isto é o que deveria ocorrer nas nossas escolas, porém às vezes nos deparamos com uma realidade não satisfatória.

Acredita-se que só se alfabetiza na escola. E isso é um grande erro, pois, apesar do processo formal da alfabetização começar na escola, a criança antes de chegar ao espaço escolar, faz uma leitura do mundo que a cerca, desde o seu nascimento até o último dia de vida.

A alfabetização, conforme Kramer e Abramovay (1985), é um recurso utilizado para a leitura e interpretação de textos, onde os alunos não apenas codificam e decodificam, mas aprendem a determinar vínculo e interpretar textos, não se restringindo a repetições, mas criando juntos um mundo de conhecimentos. E essa construção, não se baseia apenas em codificar e decodificar os códigos da escrita, precisa-se antes de tudo envolver a criança, fazendo com que ela sinta prazer em aprender.

A escrita e a leitura, na maioria das vezes, têm um papel muito resumido dentro da escola, ficando limitadas apenas a cópias e interpretações de texto, deixando de lado o real sentido da alfabetização, que sobre o nosso ponto de vista, é formar cidadãos capazes, não só de decifrar códigos, mas também de saber interpretar culturalmente em qual contexto o assunto está inserido.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), é essencial a compreensão da língua, oral e escrita para a comunicação, pois é por meio dela que obtemos conhecimentos e visões distintas do mundo que vivemos. Conseqüentemente a instituição educadora é a responsável em assegurar esse direito a todos os alunos, para que possam exercer sua condição de cidadão.

Segundo Soares (2004, p. 27) “alfabetização [é] ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, [enquanto] letramento [é] o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. E quando as crianças são envolvidas em um ambiente estimulante, é muito mais fácil a assimilação de um vocabulário extenso e coordenado.

A alfabetização é um direito, uma ferramenta de enriquecimento pessoal e um meio de desenvolvimento humano e social. As oportunidades educacionais dependem de um bom processo de alfabetização e letramento. Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

A metodologia utilizada neste trabalho foi qualitativa, com base na pesquisa empírica e observação participante em uma instituição de Educação Básica da rede Pública de Ensino de São Luís, localizada na Cidade Operária. Os sujeitos de pesquisa foram duas professoras que atuam no primeiro ano do ensino fundamental, as quais indicaremos por P1 e P2 e as salas compostas por 25 alunos cada, indicaremos por S1 e S2 respectivamente.

Quanto a faixa etária dos sujeitos é assim distribuída: P1, entre 30 a 40 anos e P2 entre 40 a 50 anos. P1 é formada em pedagogia, e possui pós-graduação incompleta; P2 tem o magistério, é pedagoga, possui pós-graduação completa e formação continuada em: educação infantil, pré-letramento, educação especial, libras, entre outros.

Durante a nossa permanência na escola percebemos que a escrita se apresenta escassa, nos corredores observamos apenas três informativos sobre a província Brasil e na S2 encontramos alguns desenhos feitos pelos alunos e um alfabeto ilustrado, o que nos deixou incomodadas pois “se os alunos se sentirem orgulhosos de suas obras serão capazes de ir muito longe” (FREINET, 1975, p. 58). E apesar de fazerem atividades e produções diárias as professoras têm pouca preocupação em expor, compartilhar e valorizar o que os alunos fazem.

A metodologia que ambas as professoras utilizam para ensinar as crianças a ler e escrever ainda está um pouco arcaica, pois utilizam os livros que mais parecem cartilhas, ensinam letras, depois as famílias. E a maioria das crianças não conseguem entender o que estão escrevendo

pois fazem muitas cópias do próprio nome, além das cópias do alfabeto maiúsculo e minúsculo e repetias vezes.

Notamos que P1 ensina mais pela porta do técnico e a P2 se esforça para ensinar pela porta dos sentidos. No dia 14 de abril, P2 distribuiu livros de histórias para os alunos e disse para eles lerem, pois cada um iria contar a sua história para a turma, o que ocasionou o seguinte diálogo:

- Professora, eu não sei ler.
- _ então vai observar as imagens e imagine a história.
- Mas eu não sei professora.
- Você se lembra das emana passada quando lemos um livro sem palavras, somente com figuras?
- Sim, mais eu não sei fazer.
- _ sabe sim, você vai olhar as figuras e passando as páginas e quando você vier ler aqui na frente eu te ajudo.

Esse momento foi lindo, cada um contando a história a sua maneira, apenas olhando as imagens e a P2 ajudando. Quando de repente a aluna R ao ler o seu livro, estava realmente lendo as palavras com a P2 ao seu lado, lhe ajudando nos momentos de dificuldade, pois para ajudar as crianças precisamos:

- Aconselhando-a na véspera, na escolha de um texto que esteja de acordo com a sua capacidade, utilizando para isso os numerosos manuais escolares de leitura que temos na nossa biblioteca de trabalho, os quais são uteis neste caso;
 - Ajudando-a ou fazendo que um camarada mais sabedor e ajude a compreender o texto escolhido;
- Mantendo-nos a seu lado durante a leitura, para a apoiar discretamente, murmurando-lhe as palavras difíceis, velando para que os seus camaradas não façam ruído se a imperfeição técnica não os encorajar a ouvir. Se a criança tem demasiadas dificuldades, pegaremos simplesmente no livro para continuar ou terminar a leitura, a fim de que não se verifique um total sentimento de malogro... far-se-á melhor na seguinte. (FREINET, 1975, p. 57-58)

E foi exatamente o que presenciamos nesse dia, um exemplo de incentivo. P2 estava estimulando seus alunos a não terem medo de fazer o melhor que pudessem. Quanto aos materiais utilizados para trabalhar a leitura e escrita, P1 utiliza os didáticos e um livro de história sem figuras, entretanto P2 utiliza diversos livros infantis coloridos e ilustrados distribuído entre os alunos, deixando-os com as crianças para serem devolvidos no fim da semana, com o proposito deles lerem com a família.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou como principal objetivo analisar se as formas como os/as professores/as da rede pública de ensino têm ensinado as crianças a ler e escrever na escola tem

formado crianças leitoras e produtoras de textos, através da observação participante e da pesquisa empírica.

O papel do professor é mediar o desenvolvimento, a autonomia e a construção do aprendizado nos seus alunos, promovendo atividades que despertem a curiosidade das crianças, fazendo com que explorem os diferentes tipos e linguagens e textos.

Podemos concluir a partir dessa análise, que as professoras pesquisadas, estão formando leitores de textos, porém não estão formando escritores, produtores, posto eu, não utilizam de maneira adequada os poucos materiais que têm acesso. Pois deixam os alunos ociosos quanto à escrita, não envolvendo com a realidade que conhecem.

Apesar das restrições financeiras impostas pelo governo, não há impossibilidade de as professoras usarem de sua criatividade para tornar o ambiente em que trabalham mais estimulante para o aprendizado, fazendo cantinhos, usando materiais reciclados, construindo com eles um ambiente dinâmico e cheio de experiências vivenciadas e experimentadas.

Terminamos o artigo com a esperança que contribua para melhorar a construção do ensino com nossas crianças, que os erros encontrados possam ser sanados e as virtudes vividas espalhadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **AURÉLIO**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2008

FRENET, Celestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. Silva Letra. 2. Ed. São Paulo: Estampa, 1975.

KOURILSKY-BELLIARD, Françoise. **Do desejo ao prazer de mudar**: compreender e provocar a mudança. Tradução de Sônia. 2. ed. Barueri/SP: Manole, 2004

KRAMER, Sônia; ABRAMOVAY, Miriam. **Alfabetização na pré-escola**: exigência ou necessidade. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 103-107, fev. 1985

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica 2004.